

Cantigas das crianças e do povo e danças populares. Coligidas e selecionadas do folclore por Alexina de Magalhães Pinto. Brasília. Senado Federal. 2023

A P R E S E N T A Ç Ã O

Profa.Dra.Flávia G. Carnevali

A personagem que ilustra o volume nove desta importante coleção dedicou sua vida ao que ela chamava de “coleta” de cantos, contos, provérbios e brincadeiras infantis. Tendo publicado originalmente “Cantiga das crianças e do povo e danças populares” em 1916, foi tratada pela historiografia da cultura popular e até pelos folcloristas contemporâneos, como coadjuvante no debate sobre a formação da identidade nacional brasileira a partir da cultura popular. Acontece que a definição sobre o que seria a cultura popular brasileira foi envolvida por conflitos, tensões e diferentes projetos naquela conjuntura brasileira da *Belle époque* (grosso modo definida entre 1870 e 1914). Isso porque os estudos de folclore tentavam angariar espaço nesse debate buscando construir um discurso “científico” tanto quanto os discursos etnomusicológicos ou da música erudita de tradição europeia. Ademais, a professora Alexina atuou como educadora e folclorista em São João Del Rey fora, portanto, da capital federal que tinha centralidade na produção cultural do país. Sem contar que sua condição de mulher talvez explique também porque seus estudos na área do folclore ganharam menos reconhecimento se levarmos em consideração nomes como Silvio Romero, Joaquim Nabuco e Capistrano de Abreu. Nesse contexto é curioso como nos anos de 1930 quando da implantação do canto orfeônico nas escolas no projeto de educação musical de Heitor Villa- Lobos com repertório baseado no folclore o nome de Alexina de Magalhães não tenha sido divulgado como aquela que recolheu as cantigas utilizadas no projeto e, sobretudo, como nome pioneiro no uso do folclore como material pedagógico.

Mulher do seu tempo, respirou o oxigênio mental da *intelligentsia* brasileira na medida em que incorporou um discurso higienista ligado à massificação da educação pública veiculado pelas Ligas de Instrução Cívica mas ao mesmo tempo foi uma mulher a frente dele. Não só pelo polêmico passeio de bicicleta que escandalizou sua cidade natal São João Del Rey, já que ela teria ferido a moral da época ao fazer o passeio com calças compridas amarradas ao tornozelo o que lhe custou uma quase excomunhão pelo Bispo de Mariana. Mas por sua filiação ao movimento da Escola Nova, que defendia métodos de alfabetização considerados inovadores ao negar o uso da memorização como instrumento pedagógico. Não alfabetizava seus alunos pelo método do b-a-bá ou da cartilha soletrada, mas sim pelo chamado método global. Certa vez levou um sapo na bolsa, deixou-o escapar durante a aula e, enquanto as crianças tentavam caçá-lo, caminhou para o quadro e escreveu a palavra “sapo”. Então primeiro as crianças vivenciaram a experiência de maneira concreta para depois partirem para o alfabeto. Era dessa maneira que ela inseria as cantigas, as adivinhações tipo “o que é o que é”, os contos e trava línguas no processo de alfabetização.

O debate mais urgente que animava a intelectualidade nacional em fins dos oitocentos e até as primeiras décadas do século XX foi a questão da invenção das tradições brasileiras e de uma cultura nacional. De certa forma anteciparam o debate que os chamados modernistas também farão, mas com mais apoio institucional. Essa geração de 1870 da qual Alexina fazia parte tinha a consciência dividida entre a necessidade de distinguir o Brasil no concerto das demais nações, mas uma dificuldade em usar como matéria-prima a produção anônima do povo mestiço e preto dos rincões do país.

Portanto, Alexina nadou contra a corrente ao se debruçar sobre uma cultura para a qual a maioria da intelectualidade ainda virava às costas como o leitor poderá perceber ao percorrer as páginas de *Cantos populares*, mas ao mesmo tempo não conseguiu romper com certo discurso regenerador e civilizatório ao lidar com esse material folclórico. Então a riqueza de sua obra está no fato de que ao assumir uma feição cívico-pedagógica em seus livros ela se distancia do “realismo cívico” que caracteriza os livros didáticos e de literatura infantil do período e introduz elementos míticos e folclóricos. Portanto, há uma mudança

de paradigma importante já que de acordo com a orientação positivista do momento, o mágico ou o folclórico estavam ausentes e nossas histórias populares quando mencionadas eram atribuídas a ignorantes.

Ao percorrer as cantigas recolhidas por Alexina é possível perceber destaques para evidenciar a prosódia popular, algumas correções e comentários que visavam transformar a cultura popular em material didático para pais e professores a quem inclusive ela se dirige na versão da primeira edição. Ensinando, por exemplo, a maneira correta de empostar à voz nas cantigas sem força-la demais. Orientava também pais e educadores a aproveitarem as imagens que acompanham as canções com as quais os adultos poderiam incitar as crianças a inventarem histórias.

Preocupada em ser vista como intelectual fiel à metodologia própria dos folcloristas as cantigas eram recolhidas e anotadas em sua versão original. Como ela própria deixa evidente na nota justificativa aos estudiosos e educadores; *“certa de que os cultores da ciência exigem dos colecionares do material de documentação fidelidade fotográfica no que veem, fidelidade fonográfica no que ouvem [...] em tudo procurei ser fiel. Ouvia de lápis na mão, de papel em punho; escrevia rápido; em segunda audição verificava o que escrevera; para o piano transportava os trechos musicais; escrevia-os; conferia-os, após escritos.”*

As pautas musicais apresentadas depois de cada cantiga é fruto desse esforço científico de preservação do material folclórico que se perderia na tradição oral e anônima do cancionero popular.

A inovação da autora foi justamente conciliar essa fidelidade ao material ouvido da boca do povo, ou seja, a “arte primitiva”, os “modelos vivos cheios de seiva natural” do qual podem se aproveitar e se debruçar os homens de gabinete com os interesses da criança que exigiam dela “uma certa correção de linguagem”. Como no caso da cantiga ‘O Zé Pereira’ que Alexina classifica como “bando de carnaval” em que o verso final “Deixa a bebedeira/Pra dia de carnaval” foi alterado para “Viva a pagodeira/Que a ninguém faz mal”. A folclorista assim se justifica: *“(...) que tal substantivo mereças vivas de lábios infantis, não me parece*

bem, daí a opção supra, e, este meio de não sofismar a verdade, antes os estudiosos do nosso folclore.”

Essa preocupação pedagógica incluía conselhos e “lições de moral” às crianças como no caso da cantiga “O Caranguejo”, classificada entre as “cantigas Jocosas”, em que a seguinte quadra foi suprimida: “Sou cabra perigoso/Si começo a perigar/Esfolo, estripo, mato, Ó bahiana/Só pra pandegar”. Em nota Alexina esclarece: “(...) *como vemos, esse e outros versos semelhantes reforçam ideais primitivos que não convém sejam apresentados às crianças.*” Logo, em seguida, apresenta um conselho às crianças: “*Ser valentão, meus meninos, só no palco e por brincadeira, em família as gabolices, as fanfarronadas são coisas mais que ridículas-condenáveis e só própria dos tolos. Se, entretanto, gostais de ser fisicamente valente, tendes as corridas a pé, a ginástica, a natação, a luta romana para vos exercitardes à vontade.*”

Contrariando seu próprio temor de conspurcar ou a pedagogia ou o folclore Alexina foi em frente e nos apresenta uma seleção de cantigas na sua versão original acrescidas de notas imediatamente abaixo dos textos visando corrigir ou alterar conteúdos impróprios, erros de linguagem e arcaísmos. Se essas transformações à primeira vista podem evidenciar uma tutela um tanto autoritária sobre essa cultura, por outro lado, nos faz pensar a respeito da crença sincera da folclorista que acredita que sua intervenção pode ser um meio de educação das crianças, tanto no aspecto físico, moral quanto intelectual.

Os cantos recolhidos nesse livro eram tratados pela autora com grande potencial educativo porque poderiam incentivar o amor à pátria (através do conhecimento da história nacional, da flora e da fauna), valorizar a língua, desestimular o ensino maquinal e com base na memorização, desenvolver a educação musical através da leitura dos pentagramas, incentivar a inventividade e a livre criação de histórias e os exercícios físicos através das danças de roda. Aliás, em muitas cantigas a explicação sobre a maneira de dançar chega a grande riqueza de detalhes, visto que era através da dança, feita de maneira “correta” e ordenada que se disciplinaria o corpo infantil.

O mergulho nessa obra pioneira de Alexina de Magalhães Pinto possibilita uma aproximação com o universo mental de uma época fortemente marcada pela

urgência em dotar o país de uma singularidade e de uma identidade, mas sob o viés de uma autora muito pouco conhecida, que se apoiou em um tipo de saber ainda bastante marcado pelo diletantismo mas que ousou superar alguns dos determinismos então em voga naquele momento. Como o darwinismo social que negava chances de futuro a uma nação mestiça como o Brasil, e que apostou na educação como fator de mudança. Alexina fez suas escolhas, determinou e escolheu parte da cultura popular que serviria de marca da nacionalidade, inovou ao conciliar fidelidade ao material folclórico à pedagogia infantil.

Na sua relação com a cultura popular, inclusive com as canções recolhidas nesse livro, pedagogia, folclore e unidade nacional caminham juntos. É a cultura popular que serve de inspiração nacional, é material para educar, ensinar, construir uma literatura nacional e a “grande ópera lírica”, em última instância para a construção de símbolos de nacionalidade. Na missão que atribuiu para si preocupação com a cientificidade e a busca da nacionalidade se encontram: o povo, definido pelo projeto intelectual do folclore, estabelece ao mesmo tempo um campo de conhecimento e um campo político de ação. No caso específico de Alexina de Magalhães Pinto, esse campo de ação passava necessariamente pela educação e pela instrução, para difundir os valores e tradições nacionais e para amalgamá-los de maneira que servissem à construção de uma identidade nacional que se entendia como uma.

Outras obras da autora:

Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907.

Os nossos brinquedos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909. Coleção Icks. Série B.

Provérbios, Máximas e observações usuais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. Escolhidos para uso de escolas primárias. Série F.